



## Horizontes Antropológicos

40 | 2013  
Megaeventos

---

### LÖWY, Michael. *Romantismo e messianismo*: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin

Fábio Py Murta de Almeida

---



#### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/246>  
ISSN: 1806-9983

#### Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

#### Edição impressa

Data de publicação: 18 Setembro 2013  
Paginação: 478-482  
ISSN: 0104-7183

#### Refêrencia eletrónica

Fábio Py Murta de Almeida, « LÖWY, Michael. *Romantismo e messianismo*: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin », *Horizontes Antropológicos* [Online], 40 | 2013, posto online no dia 28 outubro 2013, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/246>

---

---

LÖWY, Michael. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. Tradução: Myriam Vera Baptista e Magdalena Pizante Baptista. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 213 p.

**Fábio Py Murta de Almeida\***

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil**

Michael Löwy, diretor emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) em Paris, escreve *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*, para demonstrar o romantismo e o messianismo como importantes ideais de Lukács e Benjamin. Para a historiografia, a novidade da obra decorre do mapear das influências alternativas (heterodoxas) no bojo do marxismo europeu do século XX. Assim, para iniciá-la faz a indagação: “Será o romantismo um movimento essencialmente conservador ou revolucionário?” (p. 11). Repercute a pergunta construindo quatro “tipos” de românticos ideais: 1) romantismo retrógrado: quer restabelecer o estado social precedente; 2) romantismo conservador: visa manter a sociedade dos “não tocados” pela Revolução Francesa; 3) romantismo desencantado: assumindo que o retorno ao passado é impossível, acarreta na compreensão de que o capitalismo é irreversível; 4) romantismo revolucionário: retorno às comunidades do passado e reconciliação do presente. A dimensão romântica revolucionária no marxismo desaparece do fim do século XIX e o começo do XX, com exceção, de Rosa Luxemburgo, que em sua obra se preocupa em traçar elementos da comunidade primitiva. E, junto a ela, Lukács se aproxima da tradição do romantismo alemão na célebre *História e consciência de classe* de 1923 (p. 28-29).

Pelo ajuste de Löwy entende-se que a crítica essencial do romantismo anticapitalista ocorre frente à civilização industrial/burguesa em prol dos valores sociais e culturais pré-capitalistas. Também afirma que “a crítica romântica

---

\* Doutorando em Teologia.

raramente é sistemática ou explícita e poucas vezes se refere diretamente ao capitalismo” (p. 36). Nele, se faz crítica à quantificação da vida, isto é, a total dominação do valor de troca, cálculo frio e leis de mercado. Por isso, na “civilização industrial as qualidades da natureza (beleza, saúde) não existam: ela leva em consideração apenas as quantidades de material bruto que podem ser extraídos daí” (p. 39). No romantismo antimoderno o ideal nostálgico de Rustin é o passado gótico, medieval. Sobre Marx, pode-se dizer que não tem relação direta com o romantismo, aparentemente. Por isso, o autor sugere que o romantismo anticapitalista seja a fonte esquecida de Marx, e que seja tão importante para seu trabalho quando o neo-hegelianismo alemão (p. 43). O que pode ser aferido em *Das Kapital* quando critica o caráter demonizante do trabalho capitalista, sendo uma forma degradada das qualidades humanas. Interessante que no fim da ideologia de Marx, a comunidade socialista de progresso, a maquinaria reduzirá o tempo do trabalho. Assim, sua visão não é romântica nem utilitária, mas *Aufhebung*, dialética de ambas – crítica e revolucionária ao mesmo tempo.

Para o autor, Lukács só pode ser estudado no quadro vasto do renascimento religioso nos intelectuais da Europa Central na virada do século XX. E, nele, ocupa um lugar central na volta da religião do passado, o catolicismo da Idade Média. Critica o urbano, nacional, a mercantilização de vínculos por meio do romantismo anticapitalista. Nesse contexto, se leem os textos de Max Weber assinalando que o capitalismo industrial é reconhecido por um desencantamento do mundo. Weber e seu círculo de Heidelberg faziam isso revisitando ideias neorromânticas e da nova religião. Dois desse grupo, Bloch e Lukács, eram vinculados ao messianismo. Mas o último tinha um misto de ideias indo desde os místicos da Idade Média até a espiritualidade russa de Dostoiévski (p. 59).

No quarto capítulo, Löwy, destaca de Lukács o conceito de reificação. Com ele, pretendia “decifrar os hieróglifos sociais”. Lukács, em sua análise, não tem uma visão neutra nem imparcial da sociedade, mas partidária, crítica. Admite que a reificação vincula-se ao conceito de fetichismo da mercadoria de Marx e à análise da sociologia de Simmel. E, por esse meio, Lukács caminha do romantismo anticapitalista em direção ao marxismo, integrando o marxismo e o romantismo (p. 71). Löwy entende que toda sua obra seria uma rearticulação de temas do romantismo por meio da estrutura marxista, sendo a reificação, em Lukács, um “processo através do qual os produtos do trabalho

humano (e o próprio trabalho) se tornam um universo de coisas e relações entre coisas” (p. 72). Indo mais adiante, pondera que para Lukács a burocracia pode acabar na reificação política. E, especialmente, a ciência burguesa não traz à luz formas reificadas, mas a “reificação ou coisificação das relações sociais na mercadoria e no dinheiro é apenas uma aparência e uma ilusão da consciência burguesa” (p. 84), sendo parte da teoria econômica.

No capítulo seguinte, Löwy destaca ainda dois autores fundamentais do século XX: Gramsci e Lukács, fundadores do marxismo ocidental. Colocados lado a lado, ambos buscam “superar a visão positivista dele”; Lukács caracterizava Gramsci como “o melhor dentre nós” (p. 99). Ele estilizava uma teoria de analogias do romantismo anticapitalista e o comunismo ético. Gramsci acreditava na luta da unidade operária e camponesa como uma estratégia revolucionária anticapitalista, como Lukács em *O pensamento de Lenin* (1924). Ambos foram contra o isolamento do partido. Lutaram contra o positivismo do marxismo: primeiro, utilizando o historicismo radical; segundo, indicando o marxismo como uma visão de mundo radical, nova e explícita; e terceiro, percebendo a revolução proletária como ponto alto da reflexão marxista.

Para o autor, outro pensador que tem um lugar de destaque junto a Lukács é Lucien Goldmann. Ele descobre por “acaso” as obras da juventude de Lukács, sendo, por um longo período, o único a reconhecer a importância da obra. Dialogando com a obra de literatura de Lukács, desenvolve o conceito de tragédia. Agora, na leitura de Goldmann a partir de Lukács, a relação entre o messianismo judeu e as modernas ideias revolucionárias passa a ser um objeto da discussão no marxismo. Pois, primeiro, o messianismo judeu era uma corrente restauradora do passado e utópica com futuro novo de que jamais existiu. Segundo, em Gerschom Scholem, no messianismo judeu a redenção é um acontecimento histórico. Ocorre no *dever* da humanidade. Terceiro, no messianismo judeu chamado por Scholem de “anarquista”, o Messias interfere na abolição das restrições da Torá, permitindo uma nova série de ações (p. 136).

Na descrição de Löwy, o romantismo é um fenômeno amplo que vai da religião, política (esquerda e direita) e história até a economia (p. 139). Pensadores e movimentos são listados pelo autor que possuíam ideias anticapitalistas recheadas de concepções utópicas messiânicas, tais como o movimento anarquista com Franz Rosenzweig e sua obra *A estrela da redenção*, obra que é uma tentativa de renovar a teologia judaica a partir do romantismo.

Também Scholem, judeu de classe média estudioso da cabala, do messianismo herético de Sabatai Tzvi e da utopia messiânica. Utopia, que, para ele, não era o sionismo, mas o anarquismo (p. 147-159). Löwy destaca também o movimento de anarquistas religiosos judaizantes, como com Gustav Landauer, autor de “um messianismo judeu de caráter anarquista” (p. 159), que propunha um retorno simples ao passado, pedindo pelo retorno às fontes passadas comunitárias do passado pré-capitalista (p. 159-177). Outro movimento seria o dos judeus assimilados, ateus-religiosos e anarcobolchevistas, traçado pelo discípulo de Gustavo Landauer, Ernst Toller. Pensador de posição pacifista, concebendo o socialismo como negação do Estado, da industrialização, retornando às comunidades rurais descentralizadas, Toller tinha “a utopia de uma revolução libertária-pacifista” ligada “à esperança da redenção messiânica” (p. 179). E, por fim, o ideal do messianismo judaico-cristão de Bloch. Ele, que escreve o “marxismo e o sonho do absoluto, para tarefa grandiosa da ‘reconstrução do astro Terra, e convocação, criação e imposição do Reino’” (p. 185).

No penúltimo capítulo, Löwy abre o tema de Benjamin tratando do famoso conceito de “escovar a história a contrapelo” proposto nas *Teses sobre a filosofia da história* (p. 189). Teses também de recusa ao caminho da ilusão do progresso, pois “a evolução técnica e científica sob o capitalismo ameaça, principalmente graças ao progresso da guerra química, a sobrevivência da civilização humana” (p. 192). Benjamin é outro pensador que flerta com a teologia, chamando de “espírito messiânico”, sem o qual “a revolução não pode triunfar nem o materialismo histórico” (p. 195). A utopia seria a união das experiências da sociedade sem-classes primitiva no inconsciente coletivo “em ligação recíproca com o novo” (p. 197).

Próximo ao fim do livro, Löwy destaca que para Benjamin a modernidade é o inferno, pois se deixa dominar pela mercadoria formatada no universo da repetição (p. 198). Explicitamente, lista, ao longo do livro, os problemas de Benjamin, bem como teóricos ligados em vários graus ao marxismo, ao uso da tecnologia e as gradações românticas. No pensamento benjaminiano a tecnologia é um fato histórico que se determina pelo capitalismo. A partir de seu romantismo revolucionário, Benjamin, sonha com uma sociedade completamente liberada, onde, a tecnologia cessaria de ser “um fetiche do declínio” para se tornar “uma chave para a felicidade” (p. 209), quando “uma humanidade emancipada poderá usar e iluminar os segredos da natureza graças à tecnologia ‘mediatizada pelo esquema humano das coisas’” (p. 209).

Enfim, o professor emérito do CNRS encerra o livro indicando que Benjamin oferece imagens, utopias e alegorias contra o concreto da modernidade científica, enaltecendo a alternativa do projeto romântico pacifista e ecológico que estava por vir (p. 213). O livro de Löwy é um esforço admirável ao reunir em 213 páginas os “vínculos afetivos” do romantismo e do messianismo com as ideias revolucionárias de Lukács e Benjamin. A partir disso, traça a relação entre as vivências do início do século XX com elementos que possibilitaram o neorromantismo do centro da Europa na modernidade. A obra, sem economizar nomes de autores, passa por aqueles que ajudaram a perceber como o movimento se alastrou pela Europa ajudando a traçar elementos sobre a história das ideias (mentalidades) e do marxismo no século XX. Por sua competência utiliza livros, artigos e depoimentos que mapeiam a influência das duas correntes nos dois representantes do marxismo europeu. Mostrando que o projeto anticapitalista de Lukács e de Benjamin bebe das fontes românticas que iluminam suas reflexões revolucionárias.